

## **A LITERATURA NA ESCOLA: DA PRODUÇÃO À RECEPÇÃO**

Rosimeiri Darc Cardoso de Avelar  
UEM

Gerar o interesse pela leitura tem sido uma tarefa da escola, que se põe, ao lado da família, como instituição melhor preparada para fazê-lo, tendo em vista o processo de alfabetização e o contato permanente com livros. Assim, os adultos, tanto no ambiente familiar como no escolar, têm papel decisivo na formação do leitor, principalmente na sua iniciação. São eles que se encontram como mediadores na interação entre autor/leitor, entendendo a leitura como um processo de comunicação que envolve autor/texto/leitor.

Mas, às vezes, essa mediação não se desenvolve de forma positiva, porque à multiplicidade de pontos de vista própria do texto literário se impõe uma leitura unívoca, que leva o leitor iniciante à rejeição. A mediação bem-sucedida deve possibilitar ao leitor um adentramento no texto, a participação intensa no processo de atribuição de sentido, de modo a tornar-se um co-autor, proporcionando o desvelamento do mundo, a revelação do próprio sujeito e garantindo permanentemente o prazer de ler.

Um olhar mais demorado sobre a situação da leitura na escola revela que a maioria das crianças não compreende bem quais as vantagens que essa prática pode lhe oferecer. Justifica-se o fato por não ter no lar um ambiente favorável à leitura, com acesso a livros, visitas a livrarias e bibliotecas, em virtude das questões socioeconômicas. Outra justificativa estaria no fato de que não encontraram um professor que as motivasse suficientemente para buscar a leitura como experiência prazerosa, de identificação com o que lê, porque a prática na sala de aula não é libertária, mas autoritária e impositiva.

No ambiente escolar, nos 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, as propostas de trabalho com o texto literário estão voltadas para a discussão da temática, pois o ensino de literatura,

nessas séries, não está organizado de forma a cumprir conteúdos teóricos específicos, mas como contato inicial do aluno com textos literários para adquirir experiência em leitura, devendo constituir-se como ponto de partida para a formação de alunos leitores capazes de realizar a leitura em toda a sua complexidade.

Paralelamente, observa-se que o mercado editorial de livros para crianças e jovens apresenta aumento de produção, mas esse aumento fixa-se naquele público que já tem uma conscientização da importância da leitura. Esse aumento possibilitou a modernização na produção das obras e nas sugestões de trabalho com o texto em sala de aula, promovendo uma massificação do livro. Diante desse cenário, professor e aluno encontram-se pressionados pelas instâncias mediadoras que se manifestam desde a publicação das obras até a recepção do livro pelo aluno. Verifica-se, então, que existem outros segmentos mediadores nesse percurso do livro, além da família e da escola, que são desconsiderados.

Em vista disso, este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre as mediações que se realizam nesse percurso. Foram colhidas entrevistas de autores que escrevem para esse público; selecionados materiais de editoras; visitadas livrarias, escolas e bibliotecas escolares. Nas livrarias, foram realizadas entrevistas com funcionários responsáveis pelo setor de livros infantis e juvenis; nas escolas, professores foram entrevistados e alunos responderam a questionários, instrumentos que buscavam dados para a compreensão do processo de formação do leitor.

A análise dos dados coletados fundamentou-se na Sociologia da Leitura, que entende a literatura como ato de comunicação que envolve não só o leitor, mas também a obra e o autor. A importância da Sociologia da Leitura está em compreender o fato literário em sua existência, isto é, não se prende ao valor literário intrínseco das obras, mas busca estudar o seu contexto de circulação e consumo, para a partir desse estudo entender quais as razões que colaboram para que

uma obra alcance sucesso e permanência. Neste estudo da formação do público leitor as investigações centram-se:

nas questões de produção, identificando os elementos que interferem na atividade do escritor como homem de seu tempo com responsabilidade definida. A seguir, analisa a distribuição das obras, oferecendo dados e comentando as ingerências para a publicação e distribuição de livros de modo a determinar o papel de cada instância social envolvida. Por último, reflete sobre o consumo, descrevendo os diversos tipos de público, as razões dos êxitos e fracassos das obras e o processo de formação do leitor sob a ótica da sociologia. (Aguilar, 1996, p.24)

Por esta razão, destaca-se o papel fundamental do leitor enquanto sujeito participante de uma determinada sociedade, já que de sua atuação social podem resultar mudanças em relação às obras de modo a alterar o curso de sua produção.

De acordo com Hauser (1977), toda pessoa ou instituição que se interpõe entre a obra e o consumidor realiza uma função de mediação. São muitas as instâncias que participam das mediações e, graças a elas, as obras de arte tornam-se acessíveis, com um sentido que o público pode compreender. As organizações mediadoras entre a produção e a recepção têm uma dupla função: favorecer a compreensão, o entendimento da obra de arte, e promover a sua permanência no contexto social. São elas que garantem a livre circulação das obras no meio artístico, tendo sempre em vista a possibilidade de contato com o público. Por fazer parte de uma sociedade em evolução, as organizações mediadoras, assim como os conteúdos comunicativos que divulgam, estão em constante processo de desenvolvimento. Assim, as mediações estão na base da evolução da história da arte e determinam a direção da mudança de gosto, deixando bem evidente que tanto o ato criador quanto a vivência receptora artística são processos sociais.

Além das instituições de mediação, há de se destacar a atuação dos agentes mediadores, indivíduos que influenciam no processo de escolha e de formação do gosto. Para Petit (1999), o mediador desempenha uma função importante, pois pode autorizar, legitimar, um desejo mal

afirmado de ler e de aprender ou até mesmo pode revelá-lo. A mediação também atua no acompanhamento do leitor em todo seu percurso, podendo ser resultado do trabalho de um mestre, um bibliotecário, um documentarista, um livreiro ou qualquer pessoa que possa atingir ou influenciar a atividade de leitura.

Ao observar a grande rede de organizações e agentes a serviço da mediação entre a produção e a recepção, pode-se concluir que o êxito da mediação entre os distintos tipos e modos de recepção leva em conta uma série de pressuposições naturais, psicológicas, biográficas e sociais. A transformação de um receptor ignorante em um *expert* exige uma larga educação que toma a sua juventude e também uma mudança de personalidade que pode ou não acontecer apesar de todo esforço e boa vontade. No que tange à formação do leitor, há exigências diversas, entre as quais o estabelecimento de vínculos efetivos entre leitura e sociedade que pressupõe instituições capazes de viabilizar a relação do leitor com o texto, uma vez que a leitura é um ato cultural e historicamente demarcado.

A observação do percurso do livro de Literatura Infantil e Juvenil revela que existe muita coisa por fazer até se conseguir formar um público leitor. Todos os segmentos apresentam uma preocupação clara a respeito dessa formação, mas nem todos se mostram preparados para tomar alguma medida que surta efeito. O problema não está na falta de produto, do objeto livro, mas na condução de um trabalho de leitura que verdadeiramente forme o gosto, desperte o interesse do adolescente pela leitura independente do ambiente escolar.

Em relação aos autores, há o reconhecimento de que existe um público-alvo a ser atingido por suas obras, mas confirmam o fato de que o trabalho editorial efetua uma mediação maior que a deles, porque não se envolvem com a questão de venda. São poucos escritores que se disponibilizam para palestras e entrevistas com o público para o qual se dirigem em suas obras.

Além disso, depois que entregam seus textos, a editora efetua todo um trabalho em cima deles até transformá-los em produtos desejáveis.

Outro fato interessante é que existe uma preocupação também do setor governamental em ter conhecimento de como funciona a comercialização do livro, quais os seus entraves e quais os seus pontos positivos<sup>1</sup>. Não existem problemas na produção de livros, já que a oferta de textos e o crescente aparecimento de novos escritores confirmam que há uma literatura substancial no mercado. Mas a divulgação e a distribuição operam de maneira negativa, trazendo uma lacuna entre essa produção e o consumidor final desse produto, decorrência também do principal problema levantado nas livrarias, que é o preço do livro.

As editoras cumprem seu papel na elaboração de catálogos, envio aos professores, distribuição de exemplares gratuitos nas escolas, atendimento em eventos escolares, mas são responsáveis por um trabalho de massificação da literatura, pois querem sempre novidades e, nessa busca, acabam transformando uma produção primorosa em produto de mercado, como é o caso de muitos livros infantis. Além disso, os professores ainda não se conscientizaram de que são manipulados pelos vários recursos que essa indústria editorial utiliza para atingi-los, de forma que acreditam que têm nas editoras grandes aliadas contra o desinteresse de leitura de seus alunos, não atentando para o fato de que existe um jogo comercial na venda de livros.

A mediação dos catálogos é bem aceita pelos professores, principalmente porque as obras vêm com a indicação das séries, resumos, apresentação dos temas, fato que, segundo alguns professores, dispensa a leitura e a análise, instrumentos importantes para se fazer uma indicação. Ao aceitarem essa classificação sem questionamento, os professores desconsideram o potencial de leitura de seus alunos, uma vez que podem sugerir leituras indicadas para a série, mas não tão acertadas para a fluência de leitura da classe.

Há de se destacar que os suplementos de leitura que acompanham as obras revelam que seus elaboradores têm concepções diversas de público leitor já que uns são mais complexos e outros mais simples. É necessário que o professor atente para as diferenças e trabalhe com os alunos além do que está posto nos encartes. Não quer dizer que é preciso desconsiderar as propostas, mas usá-las como ponto de partida para atividades mais complexas ou lúdicas, fundamentando-se no conhecimento que tem de seus alunos.

As livrarias, por sua vez, querem vender esse produto, mas não querem investir nada além do que já está lá, não podem arriscar, limitam-se a esperar pelos clientes, não adotando uma estratégia mais agressiva. Vale lembrar que as pessoas encarregadas pelo setor de Literatura Infantil e Juvenil mostraram pouco conhecimento sobre o assunto, o que deveria ser sanado, conduzindo essas funcionárias a um conhecimento sobre a verdadeira função da literatura e da leitura. Certamente, esse aprimoramento promoveria um retorno maior, com a possibilidade de manter cativo um público em seu ciclo de vida, isto é, motivá-lo desde a infância, persistir na adolescência, acompanhar a fase madura e a velhice, sempre atentando para o interesse de leitura de cada fase.

Desde o momento que o texto é enviado ao editor até o instante em que a obra é posta a venda, a única expectativa que se tem é de que o comprador seja um adolescente e que certamente fará a compra tendo em vista a leitura pedida pela escola. Isso se confirma pelas palavras das funcionárias das livrarias que salientam que o mercado de literatura infantil e juvenil é constituído pelo público escolar. Cumpre estabelecer novas práticas de motivação para que haja um mercado de livros sem a influência da escola, uma vez que outras instituições preocupam-se com a formação do leitor.

Quando chega à escola, o livro de literatura infantil e juvenil acaba encontrando barreiras maiores que as já vencidas. Contraditoriamente, no ambiente onde as pessoas deveriam dominar

essa matéria, encontram-se cerceadas por uma prática tradicional, que só tem afugentado os jovens da leitura. A introdução de trabalhos a serem realizados após a leitura acaba derrubando todo o prazer alcançado por ela. Considerando o fato de que nessas séries a leitura seria desenvolvida com fim de formar um repertório e dar oportunidade de os jovens lerem obras de variados gêneros, a escola efetua uma mediação negativa, porque os alunos não se sentem motivados para essa atividade que se quer fazer prazerosa.

Mesmo quando os professores pensam que estão fazendo um trabalho que desenvolve o gosto pela leitura por prazer, realizam atividades que não são do agrado do aluno e fazem sempre essas atividades porque existe a necessidade de uma avaliação. Como avaliar o prazer de um jovem ao ler um livro que achou interessante, que lhe proporcionou vivências diferenciadas das que ele comumente tem? Seria necessário apenas um resumo oral, para avaliar a sua expressão, se há repetição de palavras, ou um texto escrito, para verificar em que medida a leitura contribuiu para o seu vocabulário? Muitos professores sabem que os alunos gostam de dramatizar, de contar a história, de fazer um desenho sobre ela, mas preferem atividades integradas com outras disciplinas, mesmo sabendo que a literatura não tem essa função, porque é próprio de sua natureza, enquanto obra de arte, trazer à discussão o que inquieta a natureza humana.

Verifica-se, então, que a escola encontra-se cercada por muitas dificuldades para poder realizar um trabalho satisfatório que realmente forme leitores. Algumas dessas dificuldades podem ser atribuídas à formação deficiente dos professores, que, pelo excesso de trabalho, não se constituem bons leitores, bem como ao próprio sistema de ensino que enclausurou a leitura em fragmentos de textos expostos em livros didáticos adotados. Também pode ser considerado como obstáculo à formação de leitores a precariedade das bibliotecas escolares, tanto no que se refere ao acervo como à formação dos profissionais que atuam no setor.

A questão do ensino de literatura infantil e juvenil também esbarra no fato de que a preocupação com volume de leitura e a avaliação sobrepõem-se à leitura com qualidade e que proporciona prazer. Além disso, em relação aos PCNs, está claro que o encaminhamento da proposta fica a cargo das editoras que procuram classificar as obras por séries e temas transversais, destacando o fato de que se aprende “*na realidade, sobre a realidade e da realidade*” (Ática, 2000, p.90). Assim, permanece a idéia de que o trabalho com literatura no Ensino Fundamental realiza-se didaticamente ou ainda de forma didatizada. Os escritores têm consciência de que a literatura não pode ser enquadrada, tornando-se utilitária, mas a escola insiste em sistematizar a leitura literária como forma de ensinar “a realidade”.

Verifica-se também que a biblioteca escolar não tem sido valorizada, não tem podido atuar eficazmente como mediadora de leitura, pois sua utilização restringe-se à pesquisa de conteúdos, não sendo prestigiada naquilo que tem de mais importante – as oportunidades de leitura de obras de literatura – principalmente na rede particular, onde é possível realizar investimentos. Na rede pública, existe um trabalho conjunto entre professores e bibliotecárias, mas o fato agravante é a própria condição da biblioteca, que é pobre, não podendo ter um grande acervo e também sem contar com verbas para isso, forçando os professores a trabalharem com os exemplares que possuem, às vezes, de qualidade questionável, sem atualização do acervo.

Ao aluno resta a leitura de alguns volumes, indicados pelos professores através de uma listagem, ou pela adoção de uma leitura sistematizada, isto é, com a ordem e seqüência da professora, que dá o “tom” dessa leitura. Em um ambiente em que tudo se mostra propício à valorização da leitura, como é o caso da escola de rede particular, encontram-se obstáculos que não se consegue vencer, como é a necessidade de avaliação de leitura, mesmo tendo sido realizadas atividades lúdicas para o trabalho de compreensão do texto.



Certamente essa questão é que mais tem atuado para que haja uma defasagem em relação à leitura, pois os alunos querem ler o que seus amigos indicam, o que dizem que é bom. Querem fazer isso para comentar entre eles, para discutir, trocar idéias e também para conhecer outras coisas. É essa mediação horizontal que existe entre eles que tem sido desprezada pela escola, que insiste em verticalizar a mediação, tornando-a improdutiva.

Verifica-se que existem muitas maneiras de se realizar a mediação nesse percurso do livro de literatura, de sua produção à sua recepção, mas em alguns segmentos existe uma interrupção desse fluxo, que força a leitura a ficar em um patamar inferior aos outros conhecimentos a serem adquiridos na escola nesta fase. Nesse sentido, destaca-se a pequena atuação das livrarias, dos professores e das bibliotecárias, que se restringem a realizar uma tarefa corriqueira de listagem, catalogação ou arrumação de volumes. Existe uma distância muito grande entre a produção e a recepção e os mediadores presentes neste espaço não agem em conjunto, de modo que essa mediação pode ser dividida em dois segmentos, separados pelo “muro” da escola: antes de a obra chegar à escola e a obra dentro do ambiente escolar.

O aluno está aberto à leitura, pode realizá-la apenas a pedido da professora, mas quando recebe a indicação de um amigo ou de um familiar – de idade aproximada – aceita a sugestão. Isso reforça a idéia de que a mediação entre alunos deve ser mais explorada, levando-os a encarar essa responsabilidade, podendo ser também utilizada como sugestão de trabalho: ler para indicar.

Em alguns momentos da pesquisa, o papel da família nessa mediação foi lembrado; muitos alunos são influenciados pela família no momento de escolher um livro ou de aceitar uma sugestão, ou ainda, quando disseram que recebem livros de presente dos familiares. As funcionárias das livrarias também destacaram o fato de que os pais já estão procurando livros para presentear seus filhos. Outro mediador igualmente importante é a mídia, que pode promover o interesse pela leitura através da divulgação das obras por críticos ou pessoas influentes, como o

que aconteceu no caso de Jorge Amado<sup>2</sup> e também de *Harry Potter*, obra muito citada pelos alunos em seus questionários.

Tendo em mente as diferentes possibilidades de mediação que podem operar entre a produção e a recepção dos textos literários, cabe destacar que a formação do leitor não é um processo isolado que deva ser atribuído a uma única instituição, mas deve ser compreendido como uma convergência de mediações que apresentam como princípio a valorização do leitor.

### **Notas:**

<sup>1</sup> SAAD, William George Lopes. Cadeia de comercialização do livro. BNDES, dezembro de 1999. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/publica/relato.htm> Acessado em: agosto de 2001.

<sup>2</sup> A pesquisa nas escolas coincidiu com a morte de Jorge Amado, oportunidade em que a mídia deu destaque ao trabalho desse autor.

### **Bibliografia**

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. *Revista T B*, Rio de Janeiro, 124:23/34, jan.-mar., 1996.

HAUSER, Arnold. *Sociología del arte*. v.4. Barcelona: Labor, 1977.

PETIT, Michèle. El papel de los mediadores. In: *Educacion y biblioteca*, 105, 1999, p.5-19.